

O MODERADO.

PERIODICO POLITICO E LITTERARIO.

RESPONSAVEL—O BACHAREL F. J. DA SILVA ARAUJO E MELLO.

Assignatura por anno 24000 — Semestre 12000 — Trimestre 6000 — Mez 2400 — Folha avulsa 30 — Anuncios por linha 25 — Repetidos 20 — Corresponden-
cias 30 reis. — Assigna-se este periodico no escriptorio da redacção rua das Aguas n. 64 A— o qual estará aberto todos os dias para receber os annuncios e corres-
pondencia. As de fóra devem ser dirigidas ao editor responsavel com os competentes sellos, na conformidade da nova lei postal. Assigna-se tambem no Por-
to na redacção do Porto e Carta. Vende-se no escriptorio da redacção. Sahirá ás Terças, e Sextas feiras, não sendo dias santos de guarda.

DECLARAÇÃO.

Aos senhores assignantes e mais pesso-
as que tiverem relações com este jornal,
previno, que, não me sendo possível, con-
tinuar a exercer cumulativamente a admi-
nistração, redacção e responsabilidade
deste jornal, deixei de o administrar
desde domingo (1 de abril) em diante.

O snr Manoel Antonio Villarouco
Junior é o actual administrador.

F. J. da Silva Araujo & Mello.

BRAGA 3 DE MARÇO

Não ha muito que neste paiz havia
cada anno a revolução; antes houve
até de mais que uma.

Os governos estavam sempre em
risco, porque os perturbadores da or-
dem publica, arvorados em tribunos
do povo, andavam exaltando as mas-
sas. Essa epoca acabou por emquan-
to.

Sempre é bom accommodar os re-
volucionarios! lucrá-se muito, muitis-
simo até com isso!

Quatro annos d'experiencia nol-o
tem demonstrado.

O paiz muito deve ao sr. Rodrigo!
Só elle, elle só é que nos podia fazer
tamanho beneficio!

Os revolucionarios são seus, mui-
to seus.

Elle conhecia-os bem e lá os arran-
jou. Empregos a uns, *sincuras* a outros,
arminhos, condecorações, titulos, a ou-
tros, protecção aos assassinos (optimos
fazedores de deputados), baronatos pa-

ra lhes occultar o nome ou o appellido,
um sorriso seu, um abraço do nobre
Duque, e o amor do sr. Ximenes, eil-
os cahidos.

Não foi mister apontar-lhes ao pei-
to o trabuco da Serra Morena.

Dizem que ha revolta! não ha re-
volta, não.

Um jornal da segunda cidade do
reino espalhou essas ideias.

Sonhou!

Os revolucionarios estão socega-
dos.

As graças adormeceram-nos. En-
tretidos á mesa do orçamento, enle-
vados na importancia dos seus armi-
nhos, extaticos deante dos seus titulos,
tudo acham bom e optimo até.

Será mesmo um contra-senso es-
perar que, enquanto o sr. Rodrigo e o
sr. Ximenes estiverem nas suas graças,
e merecerem a sua confiança, se al-
tere a tranquillidade publica.

O pobre alianda estalando de fo-
me; o povo ali geme ha quatro annos
oppresso pela tyrannia militar, effeitos
da regeneração; mas não fazem distur-
bios porque converteram-se em *bons*
cidadãos os que os podiam incitar a el-
les.

Desta crise de penuria, deste
estado calamitoso de fome quazi geral,
e d'opressão terrivel, a gente da re-
generação, se não estivesse accomo-
dada pelos manejos *rodrigo-ximenes*,
de certo haveria tirado grande partido.

Oh! quanto vale a chuchadeira!
Se não fôra isso ha que tempos não ar-
dia Portugal em guerra.

Descancem pois, soceguem. Não
ha revolta, ella seria contra os pro-
prios interesses dos revolucionarios.

No meio da paz pôdre em que
estámos, proporcionem trabalho ao ope-
rario, promovam a baratesa dos gene-

ros alimenticios, e ainda que o paiz
careça de muitas medidas que não tem,
e que são urgentes, e a que o povo
tem direito, o povo não se mecherà.

E' isto o que quer agora a oppo-
sição que não costuma especular com
as calamidades publicas.

A sua guerra é legal, leal e justa.
Se ella quisesse subir ao poder por
meios violentos já os teria empregado
ha muito; mas a opposição não quer imi-
tar os alcunhados regeneradores.

Consta-nos que vão admittir-se *Che-
ques*, os quaes entrarão em metade do
pagamento dos vencimentos do esta-
do. Já nós lá vamos! viva o fomen-
to.

Imp. e Lei.

A PEDIDO D'UM NOSSO ASSIGNANTE.

A SOLEDADE.

Lacrimae ejuz in maxillis ejuz!
Jerem.

Penetrante dôr inspire
Van texto tal — um texto triste,
Que me diz — ja não existe
Filho de mai que delyra!...

Da MAI terna na candura
(Que spectac'lo l...) que diviso?!
Parece que o joiso
Perde na justa amargura!...

ao ex.^{mo} Policarpo, que é o rei dos Folhetinis-
tas.

Tambem disse que os bifés, que serve ao
almoço o gallego da Serra, eram parecidos com
biscoitos de Iralda; mas o grande Policarpo
gosta do guizado, e por isso me desdigo; com
a condição porem, que não comerei delles,
nem que a fome seja de 3 dias.

Disse mais, que os engenheiros são uns
grandes pandegos, que sabem tanto d'engenha-
ria como eu de russo, e que á sua negligencia
se deve grande parte das ruinas, e atra-
zo das obras. Aquí ha-de perdoar o ex.^{mo} snr.
Policarpo; mas não me retrato, nem que me
rodem. Disse, está dito.

E quanto aos directores, e empregados,
tambem me não retrato. Pagam ordenados
enormes a quem vende os bilhetes — asneira.
Dão erva no inverno aos seus burrinhos — as-
neira. Compram burros pôdres — asneira. Não
tem gado, que chegue para descanzo — asneira!

FOLHETIM.

Retratação.

Ex.^{mo} Policarpo das Alminhas. Desculpee
permita v.^o ex.^o, que eu lhe dirija estas duas
regras de arrependimento, contrição, retra-
tação &c. v.^o ex.^o, é um homem das Arabias,
grande como o mundo, e sabio como Salomão.
Dizia este Salomão, que o numero dos asnos
era muito grande, *stultorum magnus est nu-
meros*, e assim é: eu pertenco ao rol dos taes.
Mas v.^o ex.^o não snr.! Falla com cabeça, e pro-
sapia. Deos conserve av.^o ex.^o para illustra-
ção das nossas almas, e augmento do thio Ro-
drigo. Amen.

Li na *Concordia* o que v.^o ex.^o escreveu
a meu respeito: accetto resignadamente a re-
prehensão, e venho a seus ex.^{mos} pés, humil-
de como uma lesma, pedir perdão, e arre-

pender-me. A graça com que v.^o ex.^o me cha-
ma sendeiro, é uma graça tamanha que faz
rir as pedras, como é costume da sua chisto-
sa penna! castigar a rir! V.^o E.^o é o Moliere
dos nossos dias d'agora!

Eu disse que a estrada de Braga ao Porto
estava em frangalhos — que a Ponte da Trofa
estava a cahir — que a Diligencia não passava
carregada por cima da sobredita, *propter tau-
tellam*, e que os passageiros tinham de palmi-
lhar o espaço de cá para lá, e de lá para cá,
pisando a amavel laminha n'um engraçado *tra-
versée*. Disse mais que a ponte pensil, que
devia estar prompta á mais de um anno, ain-
da não estava em meio. Mas declaro, que es-
tava fóra de meu juizo, quando tal disse (se
é que eu já tive juizo); porque a estrada é
papa fina — a ponte de taboas está forte como
um barrote — a Diligencia vóa por cima della
como um passarinho e carregada como um
camello. Portanto retrato-me, e peço perdão

Um DEOS. . . Morrer!
Tido como scelerado
E' morto, crucificado
Por quem vinha bomfazer! . . .

Um DEOS. . . que attentado
P'lo discip'lo vendido
Trahido, e escarnecido
E' morto e flagellado. . .

MARIA. . . d'uma cruz,
Patibulo. . . infame!
Pela multidão que brame,
Vépendente. . . JESUZ!

Acaso. . . gente Christãa
A idem deste martirio
Será? será um delirio
Ou dogma da Religião?! . . .

Oh! dor! oh! desengano
Oh! eu não, não me engano
Não é, não um delirio . . .
Uma parede sagrada
A Igreja esposa amada
Chora um tal martirio! . . .

O Clamer, a calumnia
Que vil se lhe proferia
Assustou Jerusalem! . . .
O Conselho prescrito. . .
A intriga do inimigo. . .
Quanta dor não tem?! . . .

Meiga pomba. . . MARIA
Ouve o grito que pedia
De seu filho o sangue, a morte!
Do Horto . . . a paixão
Presencia a irrisão. . .
No terno peito. . . que corte! . . .

Do filho o sangue correr
A fera multidão crescer
Vé seu filho agonizante!
Mas ainda que suspire
E supposto que delire
Acompanha-o constante! . . .

MARIA! do filho morto
Vé despedaçado o corpo
P'lo ferro da tirannia!
Vé-o, na campa metido
Já a seus olhos scendido

Não tem reparado os estragos da estrada — asneira. Não tem ultimado a ponte da Trufa — mangação. Augmentaram o preço da viagem a 1:600 — maroteira. A Diligencia gasta de Braga ao Porto de 8 a 9 horas — pouca vergonha. E vistas tantas asneiras, mangações, maroteiras, e poucas vergonhas, estou resolvido a não desdizer tambem o que disse nesta parte e não desço da burra. Se o ex.^{mo} sr. Policarpo, irado contra mim por esta teima, me não quizer perdoar, mate-me, esfole-me e faça o que quizer.

Agora, pelo que diz respeito a esta amavel Braga, dirijo, em nome de meus compatriotas, as mais respeitadas contumelias, a todos os Policarpas da *Concordia* pelo gavão que nos dão. A nossa terra é uma das melhores cidades de Portugal, já que o eximio e pulcro folhetinista nos faz esse favor; e é pena que não seja representada pela *Concordia*, que nos havia de tirar as barbas a limpo com a sua me-

Já não tem companhia! . . .

Terra que treme! . . . trevas espalhadas!
Terrível terremoto! . . . violencia
Dos choques dos penhascos. . . MARIA
Não. . . não estremece espantada! . . .

A pomba innocente. . . MARIA
Attende do filho, ao sangue despresado
Pelos homens remidos. . . calcado!
Oh que. . . dor não sentiria! . . .

Na innocente peito uma espada
Aguda lhe trespassa o coração
A quem a triste pede consolação
Que do peito lhe tire a dor gelada! . . .

Como nuvem sombria, que negava
A terra. . . sequiosa
A chuva que lhe regava,

O Anjo da paz quanto retardou
As lagrimas preciosas
Mas violentas chorou!

Na sensível cruel dor. . . de semblante . . .
«Chorando, chorou de noute
«Angustiada delirante! . . .

Eia virgem Sagrada. . . soledade
Por vossa piedade! . . .

Braga 26 de Março de 1855.

J. A. Jorge S. de Brito.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Vi no artigo de fundo do *Moderado* de 3.^a feira, 20 do corrente, que a questão da directriz da estrada do Porto a Guimarães, lhe tinha merecido a sua contemplação, porisso suscitou tambem em mim a vontade d'addicionar alguãs razões, ás que

lancólica pilheria.

O *Moderado* é um periodico *chiquito*, e desinvolto, que tem o atrevimento de chamar bestas ás bestas. Neste seculo das luminarias é indecente fallar em burros por maiores patadas que elles dêem! O José Agostinho de Macedo era um mal-criado, e grosseirão, que chamava ao queijo, queijo; e quem seguir as suas pisadas não é digno dos nossos Policarpas illustrados. Assim o diz a *Concordia*, senhora de muita virtude, afóra a escandalosa mancebia que tem com o thio Rodrigo.

Mas que lhe havemos de fazer, ex.^{mo} sr. Policarpo?! O *Moderado* não gosta de maroteiras — é inimigo dos maus governos — e não pôde ver tratantes. Ergo, rozas. O argumento é concludente, e por isso tentava v.^a ex.^a paciencia: quem tiver unha na palma, é ladrão: quem se mette a emprezas para esfolar o povo, é maroto: quem der patadas é burro. O meu dictionario é assim.

V. produzio; primeiramente para s'obter uma estrada que ligue aquellas duas notaveis cidades, e em segundo lugar, para se optar a directriz que offereça menores difficuldades, mais curta, que produza maior quantidade de vantagens; e finalmente que se possa levar a effeito, com o menor sacrificio de despesas, não s'alterando demasiadamente as condições requeridas, para se pôder dizer — uma boa estrada.

Ora, se remontarmos á origem que deu logar a se fazerem os traçados separados, logo a sahida do Porto para Braga, e para Guimarães, devamo-nos lembrar, que os encarregados desses trabalhos eram engenheiros, e que mostravam experiencia, e saber; os seus planos forão sujeitos ao exame, e consideração do governo, o qual não só pesaria a utilidade desse arbitrio, mas decerto consultou o inspector das obras publicas, e mais engenheiros da sua maior confiança, os quaes lhe haviam d'apresentar razões, que o movessem a adoptar aquelle plano; logo esta medida não foi abraçada com leveza e por consequencia, é um dos fortes argumentos para os que seguem a opinião, que aquella primeira directriz ainda não é tão má como a querem fazer inculcar, alem disto os trabalhos que se acham feitos na quella directriz montão de 60 a 70 contos de reis; tem uma bella ponte no sitio da Travage, muito mais bem construida, e mil vezes mais duradoura, do que a pensil sobre o mesmo rio Leça, na estrada de Braga. Depois que os trabalhos começaram nas duas estradas, a ninguém lembrou dizer, que havia inconveniente em se fazerem separadas, e muito menos que as directrizes não devião levar aquelle rumo, hião tomando um desinvolvimento espantoso, tanto do lado do Porto, como do de Guimarães, pois se vê que dentro em pouco tempo se tinhão construido quasi 6 legoas de boa estrada, com a cantaria preparada, e ja posta nos locais onde se tinhão de fazer pontes, ou pontilhões, foi então que aconteceu a catastrophe do tumulto que se denominou — guerra da Maria da Fonte — a qual, alem d'outros gravissimos males, de que ainda hoje nos resentimos, nos accarretou a suspensão dos trabalhos das estradas, a inutilisação de tantos objectos,

Se v. ex.^a é amigo e compadre dos directores e engenheiros da estrada do Porto a Braga, pode cazar com elles, e diga aos l.^{os} que cumpram as suas obrigações; e aos 2.^{os} que estudem e trabalhem para não desacreditarem a familia. Finalmente peço a v. ex.^a desculpa de não ter publicado o meu nome da outra vez; mas isso em mim foi modestia, e humilidade. Declaro porem a v. ex.^a, que sou o *Lombriga*, ille, qui quondam. . . V.^a ex.^a bem me conhece, e porisso escuso estar com mais enfadações. Rogo porem a v. ex.^a que me não descubra para me não arrumarem por ahí alguma dose de *pós contra vermes*, de que não gosto.

Adeos, ex.^{mo}! Traga-me nos seus caracos.

De V. Ex.^a

Lombriga.

que tinham custado muito dinheiro, indispensaveis para o andamento daquellas obras, e a desorganisação dos planos concebidos, e que s'estavão pondo em pratica pelas pessoas que a isso se tinham obrigado, e nós ja ha muito tempo gosariamos o beneficio palpavel, que resulta das boas vias de communicação, se se não desse aquella calamidade.

Acabada a guerra o governo julgou que os trabalhos ja adeantados se não devião perder, e então, pôz em arrematação a conclusão daquellas duas estradas, com as condições que já pesavão sobre a primeira empreza; appareceu em praça uma patriótica companhia, que se obrigou a conclui-las, e estou certo que se não suspenderia o andamento da de Guimarães, se houvesse a lembrança, que ella, podendo causar um bem maior, deveria passar pela bem montada fabrica de fiação de Negrellos, sendo necessario porisso alterar o traçado anteriormente feito; fazem-se apparecer representações de diversas camaras nesse sentido; começa-se a gastar de novo muito dinheiro em trabalhos graphics, e neste intervallo, differentes particulares convencidos da possibilidade de se poder alterar parte do traçado pela annuencia do governo áquellas representações, cedendo á ambição da sua propria comodidade, julgavam que se podia alterar todo, e desprezar as grandes quantias gastas pela primeira empreza, e então lá se apresentam uns a querer que siga antes pelo vale de Carneiro, outros por Negrellos, S. Miguel do Ave, Lordello, Guardizela, e entroncar-se no Sr. do Padrão, na que vem de Guimarães; e outros finalmente, e estes mais ambiciosos, querem que se despreze tudo o que está feito, e que de Famelicão, se abra a estrada para Guimarães, com o pretexto apparente que se poupa o costeamto da conservação da estrada até aquelle ponto, não metendo em conta que o rendimento das portagens da ponte da Travage, e da de Santo Thyrsó, chega e sobra para a conservação daquellas estradas, alem das avultadas sommas que se vão gastar nas expropriações que se tem de fazer naquelle muito mais longo trajecto, porque existe mais a notavel circumstancia, (razão que escapou a V. no seu artigo, e que ao meu ver é uma das mais fortes) que naquella antiga directriz ja estão pagas as expropriações em grande parte, mesmo aonde o leito da estrada ainda se não acha aberto, estando por pagar apenas as expropriações que é necessario fazer depois da Quinta de Barrimau, até á ponte de Santa Anna, com pouca differença, achando-se estas avaloadas em 3 contos de reis, e é constante que a maior parte dos donos destes terrenos, cedem de boa vontade do producto da expropriação, se em lugar de passar a estrada por alguns campos seus, muito productivos, a desviarem um pouco, ainda que dentro da mesma fazenda, por terras de matto, o que em nada altera o traçado. A' vista de todas estas, creio que convincentes razões, ou o governo quer que

se communique o Porto com Guimarães, e nesse caso deve cortar o nó gordio, determinando que se cumpra o primitivo contracto, tal como era levado a effeito pela primeira empreza, e desprezar todas as ambições; ou lhe é indifferente que se faça ou não aquella estrada, e então não permittir que se gaste dinheiro em trabalhos graphics, e preparativos sem nada se levar a effeito. Muito e muito mais se pôde dizer sobre este assumpto, porque o que levo dito apenas toca perfunctoriamente alguns pontos que m'ocorreram: prometto todavia, dizer mais alguma coisa, e com mais algum desinvolvimento, se me chegar a convencer, que o governo, nesta materia, deseja sinceramente preferir o bem do maior numero á utilidade d'alguns particulares.

Chamamos a attenção dos nossos leitores sobre o seguinte discurso e replicas do snr. Conde de Thomar, na camara hereditaria. As pequenas dimensões deste jornal não permittiram a sua publicação na integra, em um só numero, como dezejavamos fazer.

(Continuado do n.º 157)

Que o snr. ministro do reino intendera, que o orador dava uma pessima idéa da sua administração quando asseverou — que se alguns dos actos que tem agora sido praticados, tivessem logar n'aquella administração, a bandeira da revolta teria sido levantada, e terse-hia effectivamente feito uma revolução. Que as revoluções não se fazem agora porque a imprensa não tem algemas, e porque as cadêas estão vãsias de presos politicos! Parece impossivel (continuou o orador), que o snr. ministro do reino falie por esta forma na presença dos que tem conhecimento dos factos da epoca. S. ex.^a não podia deixar de conceber, que a' roda do governo estão os que sempre arvoraram a bandeira das revoltas, que a imprensa não está agora mais livre do que em epocas anteriores, porque nunca ella fôra tão perseguida, como durante a administração actual. Não era bastante fazer referencia a uma lei que se julga mais ou menos coercitiva dos abusos de liberdade de imprensa, é necessario attender mais particularmente ao facto da *perseguição*, e por cada uma querela contra a imprensa, dada durante a administração de que o orador fôra presidente, poderia apresentar dez querelas, durante a administração actual.

Pedia ao snr. ministro do reino apresentasse a estatística das querelas dadas n'uma e n'outra epoca, e se conheceria então a verdade do que elle orador acabava de expor. Finalmente, que as cadêas não estão tambem agora mais vãsias de presos politicos, do que durante a administração de 18 de Junho. Que alguns existiam até esse dia ou presos nas cadêas ou fugitivos, mas que todos elles eram victimas do duque de Sal-

danha, e aos quaes elle orador e os seus collegas deram liberdade por isso mesmo que o primeiro acto que aconselharam ao chefe do estado, apenas organizado esse ministerio, (de 18 de Junho) foi uma *amnistia* ampla para esses crimes politicos — Podiam os seus adversarios escrever artigos de jornaes, falsificar os factos e a opinião publica, mas fiquem bem certos de que sempre que vierem á discussão hão-de ficar confundidos, porque os factos fallam mais alto, e convencem mais do que as *figuras rhetoricas*, e os *gracejos* do sr. ministro do reino.

Dadas estas explicações em resposta ao que no intender d'elto orador fôra impropriamente trazido á discussão pelo snr. ministro do reino, passou a occupar-se da parte seria do discurso do dito snr. ministro, e que é relativa ao conteúdo da correspondencia publicada na *Independencia Belgica*. O orador sentiu não poder referir exactamente palavra por palavra o conteúdo da carta que o snr. ministro do reino agora lera, para explicar o verdadeiro sentido na *Independencia Belgica*. Disse porém, que faria a diligencia para referir com a maior exactidão possivel ao menos o sentido das ditas phrases, e que pedia ao snr. ministro do reino rectificasse qualquer erro, que elle orador por ventura commettesse.

« Disse o snr. duque de Saldanha (continuou o orador), que para mostrar quanto elle deseja não ferir as susceptibilidades dos seus adversarios politicos, riscara em todas as cartas, menos em duas, as expressões que elle imagina serem aquellas, que feriram o orador, mas que o sentido d'ellas era obvio, e que só tivera em vista a sua propria defesa, porquanto elle intendera que a imprensa da opposição, accusando-o tão gravemente pelo acontecimento da tentativa de raptó, e tendo accusado o presidente da administração precedente, fazendo-lhe imputações graves, nenhuma outra cousa tinha em vista se não collocar-os na mesma posição, afim de que a razão dada pelo sôbredito presidente do conselho da administração anterior, não chamando os seus accusadores aos tribunaes, colhesse em sua defesa não chamando egualmente o duque de Saldanha aos tribunaes os seus accusadores pela tentativa de raptó, no que se havia enganado, porque elle logo annunciara, que ia effectivamente chamar aos tribunaes os ditos seus accusadores »

(Continúa)

GAZETTEIA.

Egreja. — Foi provido, por decreto de 20 do passado, na igreja de Santa Maria de Mugege, deste arcebispado, precedendo concurso, o presbytero Manoel José Vieira da Cruz, desta cidade.

O Seculo. — Com este titulo (dizem) se vai publicar em Lisboa um jornal, redigido pelos snrs. Silles Coutinho, e Andrade Ferreira.

Tambem cá temos Siberia. Trez almocreves, ua mulher, e algumas cavalgadas, quando, ha dias, passavam pela descida do Rego de Chaves, morreram gelados, e debaixo d'ua horrosa tempestade.

Ferias — As da Paschoa, que começaram

hontem, terminasi no dia 15.

Procição. — Se não chover espera se, que haja nesta cidade, a muito interessante procição dos Fogareos, b.^a feira á noite.

Lausperenna. — Houve-o em S. Vicente desde Sabbatho até hontem ao meio dia — hoje ba-o na parochial igreja de S. João do Souto — e amanhã desde o meio dia até á sexta feira na egreja da Conceição.

Pasquins — Appareceram nos fins da semana passada, alguns pasquins pregados nas esquinas das ruas e praças desta cidade, chamando os pobres á revolta, a pretexto da fome. São manjejos que nós bem conhecemos.

Ladrões. — Conta-se que ua malta, que assaltara as povoações immediatas a Chaves foi desfeita pelo major Valle, de infantaria 13, e autoridades locais. Este militar e autoridades lançaram na rede a Villa Meã, e, segundo se diz, cahiram nella 17 ratões, dos quaes, dizem, 12 eram soldados, 1 sargento, 2 cornetas e um paisano!!!

Carne. — Conserva o preço de 70 reis o arratel, nesta cidade. Os carneiros querem levanta-lo, ou fechar os talhos por estarem muito caros os bois. Qualquer dia teremos de comela a 90 ou 100 reis, porque a exportação do gado continua, (lá estão ancorados no Douro 3 vapores inglezes para se carregarem del-le) da galliza nenhum vem, os trabalhos da lavoura estão á porta, e porisso o gado cada vez hade subir mais de preço. Parece que a camara deste municipio nos fazia um grande beneficio se pedisse ao governo a prohibição da exportação, por algum tempo.

Soberanos nos montes. — Chegaram ao Porto, a bordo dos vapores Queen, Iberia e Vesta 72531 soberanos d'ouro. Com estes soberanos costumão os inglezes inquietar outros: *pecunia cuncta.*

Tentativa de roubo. — Na noite de 28 para 29 do mez p. p, fizeram em Guimarães os ladrões todos os esloços para entrar na casa do sr. José Antonio d' Oliveira Guimarães; e já lá tiãhão ido 3 noites em seguida.

(Communicado)

Maldicto costum. — Aqui por Guimarães já principiam a haver algumas casas de jogo, Deos queira que não continuem, porque se não.

(Communicado.)

Grande desordem. — Consta-nos que no dia 18 de Março houve em Monforte, comarca de Chaves, uma grande desordem entre o povo e um destacamento do 13 d'infanteria, que alli se acha. Ignoramos os verdadeiros motivos que deram origem a este terrivel conflicto, mas dizem-nos que fôra começado por uns marchantes que ha n'aquella villa já tidos por grandes desordeiros, dando vivas á *Maria da Fonte!* O certo é que o combate travou-se e os resultados foi serem mortos dous soldados e oito homens do povo, retirando por fim o destacamento. Este negocio porem, não teve nada com a politica; os vivas foram unicamente um pretexto para a desordem.

(Correio do Norte)

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

De Vienna quinta feira á noite.

As negociações param um momento. A Russia insiste que se fique no *uti-possidetis*, e recusa-se a arrasar as fortificações de Sebastopol. As conferencias não poderam, pois, chegar a um accordo.

De Londres em 24 de Março.

A *Presse*, orgão de M. Disraeli, diz que a França consente em que as tropas alliadas evacuem a Criméa, e não persistam na destruição de Sebastopol nem das fortalezas russas.

Parece por isto que tudo se encaminha decididamente para a paz — A responsabilidade desta noticia pertencente ao jornal *inglez.*

MADRID.

A *E'poca*, referindo-se a uma carta de

Sevilha diz que no dia 20 fôra preso n'aquella cidade um cunhado do Cabrera, que estava dormindo entre arriceros na hospedaria da Beata.

O ministro inglez em Madrid informado por alguns jornaes de que os inimigos do governo hespanhol se queriam apoderar de Tenarife, fez saber a este, uma nota que lhe dirigiu á meia noite, que tinha ordenado ao governador da praça de Gibraltar que pozesse á disposição das authorities hespanholas as forças navaes de S. M. B. para protegerem a costa contra qualquer aggressão.

Dizem á *Nacion* que na Andalozia os carlistas tem feito um grande alistamento, e que o seu centro de acção é em Portugal.

(da *Revista*)

Noticias do Paquete

Folhas de Pariz até 26, de Londres até 27.

Uma participação de Vienna de 21 diz que cartas de Odessa de 14, dizem que o principe Menschikoff morrera da febre typhoide.

As ultimas noticia da Criméa dizem que o bello tempo tinha alli feito apparecer uma nova energia e uma grande actividade. O coronel Harding, nomeado commandante de Balaklava, mudou o aspecto da cidade. Construi-se debaixo da rocha um arsenal maritimo e um deposito. O exercito retomou um ar de alegria e confiança. Os fornecimentos de toda a especie abundavam. Estabeleceu-se um telegrafo electrico entre o quartel-general e Kadikoi, que devia continuar até Balaklava. As communicações entre os generaes serão instantaneas.

A *Gazeta de Silesia*, dizem de Vienna — que o governo austriaco, apesar do bom pé das negociações não tem interrompido os preparativos de guerra. No dia 20 algumas companhias de artilheria partiram pelo caminho de ferro do Norte para Cracovia.

A cavallaria e artilheria da Bohemia marcha para o mesmo ponto. Diz que se sabia tambem que se tem já preparada provisões para o caso da passagem de um exercito francez.

As noticias de Eupatoria, reduzem-se a um recontro entre Iskender-Bey (official polaco) á frente de 400 sabres, e 4 esquadrões russos. Os ottomanos faziam um reconhecimento e cahiram em uma emboscada, coratudo fizeram frente perto de meia hora.

Os russos retiraram com perda de 30 homens. Os ottomanos com a perda de 11 tartaros. Iskender-Bey recebeu tres feridas muito perigosas.

No dia 24, foi lida nas duas camaras do parlamento inglez, uma mensagem da rainha Victoria, pedindo a authorisação de um emprestimo de 2 milhões esterlines por conta do governo sardo.

(B. *Tizana*.)

ANNUNCIOS

A camara municipal do concelho de Braga.

Faz saber, que no dia 18 do futuro mez de Abril, pelas 10 horas da manhã, nos paços do concelho, tem de andar em praça a obra de pedreiro do passeio publico, que se vai fazer no Campo de Sant'Anna, desta cidade; bem como a conclusão da obra de pedreiro, e carpinteiro na Bibliotheca publica, desta mesma, debaixo das condições que desde o dia 10 do citado mez em diante se acharão patentes na secretaria desta camara, para quem as quizer ver; devendo as ditas obras principiarem impreterivelmente no dia primeiro do mez de Maio do corrente anno.

Toda a pessoa que as quizer arrematar pôde comparecer no dito dia, local e hora, em que se haõde entregar

a quem por menos e melhor as fizer.

Braga 29 de Março de 1855. Eu Francisco José Peixoto Vieira, Escrição da Administração deste concelho, no impedimento do da Camara o subscrevi.

O Presidente

Antonio José da Costa Veiga.

No dia 9 do corrente mes de abril, pelas 8 e meia horas da manhã se tem de arrematar os móveis que ficaram do fallecido Rodrigo Antonio Dias, no Campo de Sat-Anna n.º 17, em leilão particular

(1)

DESENHO

EUGENIO DE VENEZA para satisfazer ás instancias de muitos paes de familias, que desejam que seus filhos aprendam o novo methodo de desenho que se ensina em trez lições, e para solemnisar a proxima festividade da Paschoa, ensinará este novo methodo por preço de 25400 rs. cada lição, mas isto tão sómente na presente occasião, continuando depois pelo mesmo preço de 4800.

Os meninos poderão dentro em 3 dias ficar aptos para fazerem um presente da sua nova prenda a seus paes e, recebendo em recompensa o solar.

Braga, Hospedaria dos Dous Amigos
Eugenio de Venezia

(2)

Certifico em como aprendi o novo methodo de desenho do sr. Eugenio de Venezia, ficando comprehendendo tudo quanto tinha prometido nos jornaes, não somente copiar de quadros, mas tambem de objectos naturaes.

José Francisco Affonseca.

(3)

Certifico em como aprendi, em tres lições, com o sr. Eugenio de Venezia, o novo desenho indelevel, sendo de exacta verdade tudo, que por aquelle sr. foi annunciado.

João d'Oliveira Penha Fortuna.

(4)

Na cidade do Porto, rua de Santa Anna, casa n.º 139, e nesta de Braga, rua das conegas n.º 5, ha para vender ua porção de vidros, com agua que tinge o cabello da cabeça e da barba, de preto, em menos d'uma hora, com ua côr firme, e embellezada e tem a vantagem de não sujar a roupa. Custa cada um vidro, acompanhado de instrucções impressas, ensinando a maneira de fazer uso della, 480 reis.

(264)

Typ. de A. da Silva Santos

Rua das Agoas n.º 61 a 61A. Braga.